

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## DEVIR-FRIO COM IMAGENS: AGENCIAMENTO CLIMÁTICO E FABULAÇÃO ESPECULATIVA EM RECIFE FRIO

Marielle Jacinta Pereira Costa  
Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP  
mariellejpcosta@gmail.com  
Oziel Ulisses Torriani Contrato  
Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP  
oziel.utc@gmail.com

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo explorar o conceito de fabulação especulativa através das mudanças climáticas, tendo por base o falso documentário *Recife Frio* (2009), do diretor Kleber Mendonça Filho. Consideramos essa obra audiovisual como potência para construir pensamentos outros no contexto do chamado antropoceno, de modo que a potência criadora de *Recife Frio* possa construir outros mundos dentro do Recife, bem como outros modos de atenção para essa cidade. No documentário, a região metropolitana do Recife é colocada em devir-frio através do dispositivo-linguagem do cinema, possibilitando a emergência de imagens outras para com esses espaços e permitindo reflexões e fabulações no contexto das mudanças climáticas. A narrativa cinematográfica da obra nos aponta problemas que podem revisitar com o avanço crescente das mudanças climáticas no planeta, de modo a atuar como um dispositivo capaz de suscitar afetos e efeitos para com essa problemática e para com a cidade do Recife. Elementos humanos e não humanos se entrelaçam para transformar o Recife, rompendo as fronteiras imaginárias entre o real e o ficcional. Desta forma, o dispositivo-linguagem do cinema em Recife Frio expõe a vulnerabilidade de corpos e espaços perante mudanças ambientais extremas.

**Palavras Chave:** cinema; dispositivo; imagens; fabulação.

### Introdução

Há algumas décadas, especialmente a partir dos anos 1970, as mudanças climáticas tornaram-se uma das pautas de discussões globais devido ao aumento da temperatura média do planeta. O fenômeno chamou a atenção de Stengers (2023), pois as inquietantes mudanças no clima global, conquistaram espaço no pensamento crítico contemporâneo, principalmente através das reflexões sobre a era do Antropoceno, mas, enquanto os debates ganham a opinião pública, as emissões de gases poluentes, como os Clorofluorcarbonetos (CFCs) e outros gases de efeito estufa, seguiam em crescimento contínuo, agravando a crise ambiental.

Eventos extremos que pareciam alarmados ou muito distantes, atingiram, após a virada para o século XXI, diversas regiões do mundo. Várias dessas regiões, sobretudo as mais vulneráveis, vivenciam extremos climáticos que culminam numa crise climática global, uma vez que, “ocorreram mudanças generalizadas e rápidas na atmosfera, oceano, criosfera e biosfera. A mudança do clima causada pelo homem já está afetando muitos extremos climáticos e meteorológicos em todas as regiões do mundo.” (IPCC, 2023)

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Na ficção científica, ou mesmo na indústria de cinema hollywoodiano, eventos climáticos e catástrofes socioambientais a eles correlacionadas tem sido temática de filmes como "O Dia Depois de Amanhã" (2004) e "Não Olhe para Cima" (2021), filmes em que, uma comunidade científica surge tentando provar à população a iminência de catástrofes antes que as consequências sejam desastrosas, e muitas vezes, sendo ignorada, desacreditada ou tratada como histórica.

Mas como “a beira da extinção’ não é apenas uma metáfora; e ‘colapso de sistema’ não é um filme de suspense. Pergunte a qualquer refugiado, de qualquer espécie.” (HARAWAY, 2023 p. 202) essa temática não habita apenas livros ou filmes distópicos, por meio da realidade imagética ela se infiltra em nossos medos cotidianos e ocupa espaço em nossos imaginários, tornando-se cada vez mais palpável.

Em *Recife Frio* (2009) dirigido pelo cineasta brasileiro Kleber Mendonça Filho, a temática de mudanças climáticas é satirizada a partir de uma ficção construída com notícias falsas criadas intencionalmente para confundir informações científicas. Em toda a narrativa há notícias supostamente veiculadas sobre a absurda ideia de que uma cidade, típica de clima tropical úmido, está passando por um repentino resfriamento resultante de um pseudo câmbio climático.

Neste trabalho, analisamos o curta-metragem e suas imagens a partir da concepção de que o dispositivo de monumentalário, ou falso documentário, é apropriado para produzir uma distopia que confronta com própria cultura da cidade, em que “Recife não sabia o que era frio” e das possíveis consequências de um suposto câmbio climático.

Com as contribuições teóricas de autores como Migliorin, Kastrup e Barros, Oliveira Jr. e Girardi analisarmos que o *devir-frio* mostrado no filme não é mera metáfora, mas simula a reconfiguração material e simbólica que altera desde as práticas cotidianas até as representações identitárias e culturais do Recife. E como *Recife Frio* borra a fronteira entre ficção e realidade, propomos analisar essa nova realidade por um exercício de fabulação especulativa que tensiona futuros possíveis, nos apoiando em Haraway e Tsing.

### **Dispositivo-linguagem do cinema em *Recife Frio***

Diante do contexto de transformações climáticas na cidade do Recife apresentado no curta-metragem *Recife Frio*, o cinema emerge como potência de afeto nas relações que podem ser estabelecidas tanto com a cidade do Recife quanto com os efeitos das alterações climáticas sofridas em todas as partes do mundo ao longo das últimas décadas.

Nesse sentido, assumimos a linguagem do cinema como possibilidade de mobilizar o pensamento por meio de um dispositivo capaz de fazer emergir novas perspectivas e modos de atenção para com o mundo, nesse caso, especificamente, com a paisagem recifense. Esse dispositivo-linguagem do cinema é pensado por Migliorin (2005) como uma complementaridade de linhas que possam ativar no mundo novas conexões entre elementos humanos e não humanos, bem como pôr em movimento pensamentos sobre/no/com o mundo e sobre/no/com novos mundos que possam emergir.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Em *Recife Frio* lidamos com um movimento duplo de criação: o primeiro é caracterizado pela própria obra cinematográfica como criadora de um mundo também cinematográfico, com seus elementos ditos *ficcionais*, mas que estabelecem alguma conexão, sentido ou relação com a *realidade-fora-do-cinema*; o segundo consiste no poder de criação que a obra possui para criar pensamentos, novos mundos e agenciamentos a partir de sua própria existência, de modo a reverberar tais pensamentos na realidade tida como pré-existente e fazê-la variar, diferenciar, entrar em devir.

Considerando esse pensamento inicial, *Recife Frio* inaugura um movimento cartográfico próprio capaz de produzir “efeitos de produção e transformação da [na] realidade” (KASTRUP E BARROS, 2009, p. 80) através do dispositivo-frio retratado na obra. De que modo, então, a realidade tida como pré-existente na cidade de Recife é posta em xeque? Como os elementos cinematográficos de Recife Frio podem inaugurar movimentos outros na realidade de como que o que é tido como real e o que é tido como ficcional possam se misturar e se confundir? Quais Recifes outros emergem a partir do dispositivo-frio?

Ao se tornar o protagonista da região metropolitana do Recife, o tempo frio estilhaça a hegemonia da capital pernambucana como uma cidade tropical, praieira, amiga do sol e a torna cinza, excessivamente chuvosa e gélida, características até então inimagináveis para essa localidade. Desta forma, o dispositivo-frio acionado no Recife cria novas imagens para a cidade, imagens estas que são capazes de criar outros

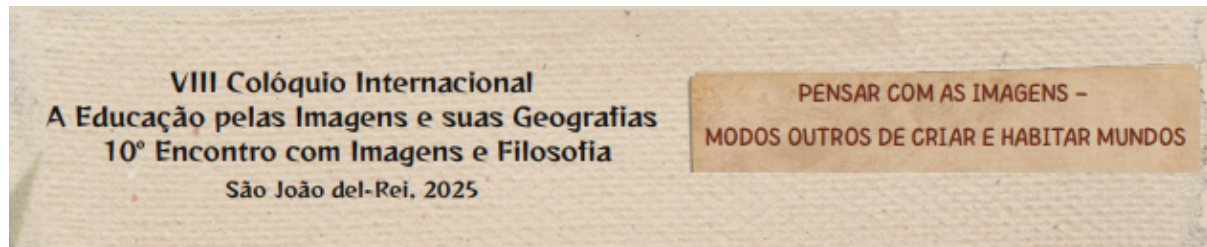
mundos [Recifes] ao tornarem visíveis o que era até então invisível, tornarem sensível o que antes era insensível [...]. Estas seriam imagens puramente expressivas uma vez que dão expressão (dão passagem) ao mundo. Não representam nem o mundo, nem o que o sujeito quis representar, ainda que tragam nelas múltiplas parcelas do que poderíamos chamar de representação do mundo e do sujeito (OLIVEIRA JR. E GIRARDI, 2020, p. 63).

Assim, o representacional e o não representacional se entrelaçam num emaranhado de linhas imagéticas que passam a construir um novo mundo recifense a partir de *Recife Frio*, no qual o frio se torna o mais novo integrante da família recifense e ativa percepções outras para se habitar a cidade, as quais se associam a diferentes sentidos humanos.

O Recife entra, então, em devir-frio. E, para explorar as possibilidades sensíveis que possam ser construídas a partir do curta-metragem, apostamos numa composição que une palavras, imagens sons e vozes em igual importância, num campo rizomático, não hierarquizado, de modo a dar visibilidade a novas visualidades para o mundo e possibilitar uma desestabilização de pensamentos que sejam cristalizados e duramente propagados (WUNDER; MARQUES; AMORIM, 2016).

### **Fabulação especulativa com futuros possíveis: Pensando sobre um Recife Frio**

Diante dessas colocações, consideramos o Filme Recife Frio (2009) iniciamos a análise da construção da narrativa por meio de uma fabulação especulativa (HARAWAY, 2023) ao tratar sobre os efeitos das mudanças climáticas em uma comunidade litorânea no contexto do antropoceno (TSING, 2019). Donna Haraway ao fazer o debate sobre composição de mundos entre humanos, animais, plantas, fungos e máquinas, escreve as “Estórias de



Camile: Crias de Composto” e produz uma fabulação especulativa e nos convida a “participar de um tipo de ficção de gênero compromissada com as formas de fortalecimento de propor futuros próximos, futuros possíveis e presentes implausíveis, mas reais” (HARAWAY, 2023, p. 268).

No *Recife Frio*, a fabulação especulativa leva os espectadores a pensarem sobre o futuro em que problemas reais provocados pelas mudanças climáticas, cujos efeitos, eventos extremos e fenômenos climáticos, encarados como um dos marcadores do antropoceno, vem trazendo reais preocupações para a sociedade globalizada e para a ciência. Como corrobora Tsing (2019, p. 8):

Vivemos em um mundo de paisagens em ruínas e inesperadas catástrofes ambientais. As mudanças climáticas são uma das grandes pautas da ciência e da política contemporâneas, e perdas de biodiversidade nos levam ao que vem sendo chamado de a Sexta Extinção. Nas últimas décadas, cunhou-se o termo Antropoceno para se referir ao impacto de proporções geológicas que a jornada humana teve sobre transformação da dinâmica ambiental do planeta.

A narrativa, é construída a partir de problemas reais, quando o futuro chega em Recife, por meio da fabulação com o devir-frio, o câmbio climático promoveria uma realidade distópica de um clima frio, para uma cidade e moradores acostumados com dias quentes, as praias e com o sol vibrante. Diante disso, o clima, ou essa repentina mudança, é a agência pela qual é contada a fabulação e o clima não só remodelam mundos outros para os corpos humanos, que agora não mais se bronzeiam no sol, que “morrem de frio”, mas também interfere na dinâmica territorial, promovendo uma desterritorialização. DELEUZE (1995)

Desta forma, no agenciamento climático, se entrelaça em linhas imagéticas com histórias que percorrem toda a narrativa, afetando repentinamente as paisagens naturais, as identidades, elementos da cultura popular, nostalgias e sentimentos. A dinâmica do espaço urbano, onde questões socioespaciais como a especulação imobiliária e o abandono da população sem casa se intensificam e ganham novos aspectos. Quando a onda de frio se alastra pela cidade outros arranjos de figuras de barbante vão se formando, como pensou Haraway (2016, p. 1) “arranjos de espécies orgânicas e de atores abióticos fazem história, tanto evolucionária como de outros tipos também.”



Imagem 1: Capturas de telas em Recife Frio (2009)

Estamos aqui, também pensando em como essa fabulação é feita com imagens, portanto, evidenciamos que, enquanto a história é narrada pelo personagem do "jornalista

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

estrangeiro", falando em espanhol, imagens da população se refrescando na praia ou às margens do Rio Capibaribe, são sobrepostas a outras imagens de pessoas montando fogueiras para se aquecer à beira do mesmo rio, ou imagens de moradores e turistas em busca de agasalhos, peças que em outros tempos eram pouco frequentes no vestuário recifense, assim como depoimentos de moradores preocupados com o desaparecimento do sol na paisagem que se torna úmida e nublada ativando os afetos dos personagens e dos espectadores.

Para Wiedemann (2020, p. 210) “As ‘imagens ativas’ não desvelam ou revelam, mas na imanência ativam, agenciam tendências afetivas, possibilidades impensadas de composição.” Desta forma, as imagens ativas produzidas a partir das histórias fabuladas e do clima frio compõem uma nova realidade para uma capital conhecida como a Veneza tropical. Ao passo que, memórias são ativadas quando moradores tentam se aquecer queimando madeira, alguns fazem rezas para “o tempo ruim ir embora”, enquanto outros rememoram tempos mais quentes resgatando fotos em seus celulares.

As representações artesanais locais também são elementos imagéticos marcantes para demarcar esse agenciamento climático, as esculturas com vestimentas invernais e lareiras retratam comportamentos da nova configuração da família pernambucana.



Imagem 2: Capturas de telas em Recife Frio (2009)

Ressaltamos também, a estratégia do curta-monumentário em fazer recortes de pseudo-reportagens, que vão fabulando com as imagens de um Recife do passado e com arquivos que contam histórias de personagens como o Papai Noel Clodoaldo que não mais passa mal com suas roupas quentes como passava no Recife tropical, os turistas Francês e Russo que esperavam passar dias quentes e de diversão na praia e os Nogueiras que enfrentam um dilema de família da classe média desacostumada com o frio do seu antes tão valorizado apartamento à beira-mar. Essas experiências, intencionalmente ou não, mostra como o devir-frio atinge desde os mais simples aos mais abastados, ao mesmo tempo, em que, a fabulação retrata a perda de refúgios a partir desse agenciamento climático.

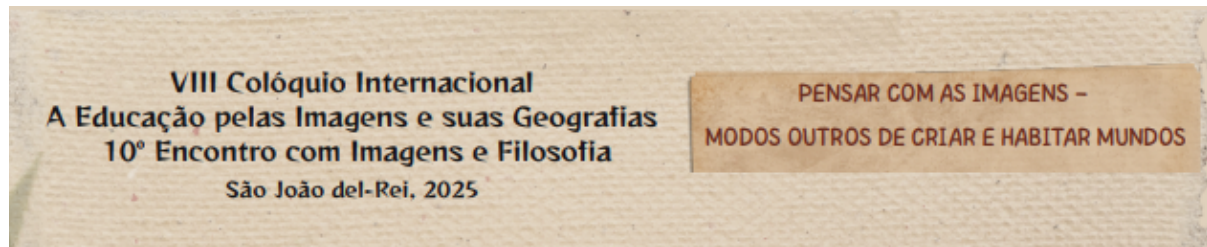


Imagem 3 :Capturas de telas em Recife Frio (2009)

As imagens e seus aparatos ópticos não apenas registram, mas produzem corpos e sentidos para essa nova configuração de cidade e de seus habitantes. São modos de verem e serem vistos que se tornam materialidades incorporadas. Como nos lembra Donna Haraway (1995), a visão é sempre um ato situado e corporificado, e aqui testemunhamos corpos que outrora experimentavam a liberdade dos espaços abertos, agora sendo reconfigurados pelo agenciamento climático. Portanto, mesmo que haja o agenciamento “Os atores existem em muitas e maravilhosas formas. Explicações de um mundo ‘real’, assim, não dependem da lógica da ‘descoberta’, mas de uma relação social de ‘conversa’ carregada de poder” HARAWAY (1995, p. 37).

Os shoppings transformam-se cápsulas de sobrevivência, ao passo que praias e ruas se esvaziam, não por escolha, mas por uma resignificação forçada do habitar o mundo e buscar refúgios que antes eram as ruas, praças e praias. As pessoas, antes livres, são agora capturadas em um devir-frio, um processo de transformação corporal e social induzido pelo clima, enquanto corpos outrora fluidos tornam-se encarcerados em novas geometrias do poder e do confinamento.

Mesmo que a ciranda e as canções de Lia de Itamaracá e da tradicional dupla de repentistas ecoem em nossos imaginários, finalizamos a leitura das imagens com a força provocada por essa reflexão em que ironicamente o frio encarcera os livres e liberta os encarcerados. Pois, os encarcerados pelo Estado experimentam novas formas de liberdade quando olham para o céu nas frestas das janelas e dos pátios em que estão detidos e com seus celulares produzem imagens que compõem o novo céu do Recife e seus corpos nestas novas paisagens.

### Considerações finais

A análise de *Recife Frio*, revela que o curta-monumentário se apoia em uma pseudo-ficção que, mesmo com um humor distópico, pode destacar as complexas relações entre crise climática, das novas realidades de ser e habitar o mundo. Por meio do *devir-frio*, expõe a vulnerabilidade de corpos e espaços perante mudanças ambientais extremas.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

O clima emerge como ator não humano com poder de transformar realidades sociais e subjetivas dos shoppings que se tornam abrigos às prisões que paradoxalmente revelam novos céus e as imagens do filme operam como agenciadores materiais, reconfigurando não apenas a paisagem simbólica do Recife, mas também as formas de habitar, lembrar e resistir. As composições com imagens revelam o que antes era invisível: a agência do clima, a vulnerabilidade dos corpos, a fragilidade dos refúgios modernos (como *shoppings* e apartamentos à beira-mar) e de quem perdeu seus refúgios nas ruas, margens de rios e prisões.

Fazer essa análise nos reforçou o potencial do cinema como prática de rever afetos e comportamentos, e como um dispositivo para fabular futuros, tensionar discursos hegemônicos e ativar pensamentos e devires diante da iminência de extremos climáticos. *Recife Frio* nos convida a repensar para além do Antropoceno, mas sobre quais *problemas* vamos enfrentar se quisermos imaginar, e construir, mundos mais habitáveis.

## Referências

- DELEUZE, G. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Climacom**, Campinas,, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=5258>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**. (5), 1995, p. 7-41.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.
- MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. **Digitagrama: Revista Acadêmica de Cinema**, 2005. Disponível em: <<https://estudosaudiovisuais.files.wordpress.com/2013/04/o-dispositivo-como-estrategie-narrativa.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- MURARI, Lucas. Recife Frio: o antropoceno à luz de um filme brasileiro contemporâneo. (2024). *Farol*, 20(31), 135-145, (2024) Disponível em: <https://doi.org/10.47456/rf.v20i31.46220> Acesso em: 18 ago. 2025.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado; GIRARDI, Gisele. O cinema como diferença na linguagem no ensino de geografia: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 45-66, 2020.
- PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **Relatório IPCC 2023: síntese dos relatórios de avaliação**. Brasil: IPCC, 2023. Disponível em:

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

[https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy\\_of\\_IPCC\\_Longer\\_Report\\_2023\\_Portugues.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf). Acesso em: 18 ago. 2025.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências** (Portuguese Edition) (p. 156). Bazar do Tempo. Edição do Kindle.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2019.

WIEDEMANN, Sebastian. Em direção a uma cosmopolítica da imagem: notas para uma possível ecologia de práticas cinematográficas. **Arteriais**, Belém, v. 6, n. 10, p. 104–118, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/10585>. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

WUNDER, A.; MARQUES, D.; AMORIM, A. C. R. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/vis.v14i1.43043>. Acesso em: 19 de agosto de 2025.